

TEILHARD DE CHARDIN. O HOMEM DOS DOIS REINOS

Paulo Meneses

“O homem dos dois reinos” é o título de um belo filme sobre S. Tomás More: ilustre no reino da terra, como estadista, e no reino dos céus como santo e mártir da fé.

Depois dele, ninguém mereceu mais esse título do que Teilhard de Chardin, que se intitulava a si mesmo “filho da terra e filho de céu”. O reino deste mundo no caso, não era o domínio político, como S. Tomás More, mas o universo das ciências. No mundo político houve muitos santos; até reis foram canonizados. Mas no mundo da ciência moderna, nascido fora da Igreja na modernidade, e por ela perseguida literalmente “a ferro e a fogo”, quem pensaria ser terreno propício a um santo, a um místico, que com igual ardor se dedicasse às ciências modernas e à vida em Cristo? O reino político, ao contrário, parecia um mundo a conquistar: a Igreja abraçou com sofreguidão o poder oferecido por Constantino, e Pio Nono ainda no século 19, estigmatizou os sacrílegos que propuseram que a Igreja abrisse mão da soberania sobre grande parte da Itália e se dedicasse ao Evangelho. Através de Padroados, Concordatas e outras astúcias se mancomunou com o poder dos reis, e dos autocratas, lançando raios sobre as heresias que propugnassem a separação da Igreja e do Estado.

As audácias de Teilhard

Foi assim um “trabalho de Hércules” e uma temeridade heróica, dedicar-se à ciência moderna e à sua construção, justamente num ponto sensível como o evolucionismo e a origem do homem: quando a Igreja já tinha desistido de combater o heliocentrismo de Galileu, e voltava seus fogos para novas perigosas heresias das ciências como o evolucionismo, e logo depois a psicanálise, e o que mais surgisse de novo. Pio Nono condenara no seu truculento Syllabus quem dissesse que a Igreja devia reconciliar-se com o mundo moderno, e Teilhard teve a má sorte de surgir no rescaldo da crise modernista, quando Pio Décimo promovera violento expurgo da liberdade de pensamento na Igreja, e fez pairar uma atmosfera de terror inquisitorial sufocante. Felizmente, os tempos da inquisição “hard core” tinham passado,

Teilhard não corria o risco das fogueiras “dos bons velhos tempos”; as fogueiras agora eram mais “softs” e mesmo metafóricas; e no entanto muito poderosas para ameaçar o trabalho dos pensadores e do progresso.

Qual é o segredo de Teilhard, que o fez saltar tantas fogueiras, sem um assomo de medo? Uma enorme magnanimidade, a “macropsia” tão admirada por Aristóteles e S. Tomás. A uma grande alma como Teilhard, nada intimida nem faz desesperar, porque tem no seu íntimo a certeza da verdade, e vê na guerra que lhe movem, mal-entendidos e preconceitos ainda não superados. **Ainda não**: essa expressão diz tudo e é a voz mesma da esperança: é a certeza de que esses obstáculos do momento, o próprio tempo vai jogá-los no lixo da história. Não se perde por esperar. Que culpa tinha Teilhard de ter chegado cedo demais, de estar à frente de seu tempo? Mas, por outro lado, quem poderia prever que sete anos depois de sua morte, o Concílio Vaticano II ia dar à sua Igreja essa abertura de espírito de que Teilhard fora precursor? Que iria reconciliar a Igreja com o mundo moderno? Que João 23 ia adotar sua terminologia e seus conceitos sobre a socialização, e que um de seus grandes amigos, de Lubac, que escreveu o melhor livro sobre sua vida e sua obra, ia ter um papel de grande relevo nesse Concílio? Quem poderia prever que antes do fim do século, o papa João Paulo II ia declarar que o evolucionismo já não era hipótese nem teoria, mas uma aquisição definitiva da ciência?

Por isso Teilhard não se abalava com as tempestades, mas como não buscava sua glória e sim a verdade, dobrava-se como o caniço, na passagem dos vendavais: fazia o que lhe mandavam, ia para onde o destinavam e lá continuava seu trabalho de cientista. Que lhe importava ser proibido de ensinar no Instituto Católico de Paris e mandado para China se ali ia pesquisar o sinantropo e firmar definitivamente seu nome na ciência? Que lhe importava que lhe proibissem de assumir um posto no Collège de France e até mesmo de pisar em Paris? Nova York é um bom endereço, e coordenar pesquisas arqueológicas na ONU, um belo desafio intelectual. E foi ali que morreu, na Páscoa de 1955, esse sábio, esse santo, que as perseguições transformaram em herói.

É verdade que a vida de Teilhard estava em oposição frontal com o Syllabus, pois não só defendia, mas tornava uma realidade, a “reconciliação da Igreja com o mundo moderno”.

Ainda assim não se explica claramente donde vinha tanta perseguição a Teilhard. Um escritor tão fecundo e original não pôde publicar um só livro em vida. E, contudo sua fidelidade a Cristo e à Igreja, e a lealdade para com sua Ordem, nunca vacilaram. Uma hipótese plausível é que o Geral dos jesuítas o admirava e procurava defendê-lo das investidas dos “dicastérios” romanos e dos denunciadores que tentavam obter sua condenação. Eram tempos de Pio

12. Dando-lhe menos visibilidade, escondendo-o por tantos anos no subcontinente chinês, a milhares de léguas de Roma e de Paris (quando não havia ainda TV mundial nem Internet) pensava preservá-lo e realmente conseguiu. Talvez as longas conversas que foi ter em Roma com seu superior deram a esse o pressentimento de que o tempo trabalhava em favor de Teilhard e de seu pensamento. Se foi assim, o Geral dos jesuítas acertou plenamente...

Teilhard como cientista

Teilhard era um paleontólogo dos mais destacados de seu tempo. Estava começando um doutorado em sua especialidade, quando estourou a primeira guerra mundial e foi convocado para defender sua pátria. Quatro anos de guerra, em que muito refletiu e escreveu. Na volta, acabou de redigir e apresentou sua tese de doutorado.

Suas pesquisas de paleontologia começaram pela Europa; no currículo elaborado por ocasião do convite a integrar o “*Collège de France*”, enumera um elenco impressionante de pesquisas realizadas de 1901 a 1945. Depois de um breve período de ensino no Instituto Católico de Paris, donde foi afastado em nome da segurança doutrinária, Teilhard seguiu para Pequim, numa missão oficial do Museu de Paris. Na China, teve um papel importante na descoberta e no estudo do “sinantropo”. Também viajou por todo o continente, indo até ao Turquestão, explorou mesmo a Índia e a Birmânia, visitou a Somália, a Etiópia e a ilha de Java. Sua produção científica é imensa: cerca de 400 trabalhos, repartidos em 20 revistas científicas e publicados, depois de sua morte, em dez volumes (Ed. Walter, Friburgo da Brisgóvia). Nos últimos anos de vida, uma fundação antropológica americana o chamou a Nova York para coordenar a organização planetária de pesquisas concernentes à origem do homem.

Com a morte, sua estrela não se apagou: deixou no campo científico marcas definitivas. Na China sua memória continua viva, como a do Padre Mateo Ricci. Em 2003, foi organizado um Colóquio em Pequim. O Museu de História natural fundado pelo P.Licent jesuíta, com quem Teilhard foi trabalhar em 1923, está agora transferido para um prédio moderno de vidro e aço. Nesse Colóquio, os sábios chineses elogiaram o trabalho científico de Teilhard, por ter estabelecido uma ponte entre a cultura oriental e ocidental. Ressaltaram também a valorização que dava aos chineses, pois entre eles escolhia seus colaboradores e os formava, ao contrário de outros pesquisadores, demasiado ligados a seus países de origem e que preferiam

trabalhar com seus conterrâneos. O mesmo sábio chinês diz que na China só se conhecia Teilhard como paleontólogo, e era como tal que ele se apresentava e trabalhava na China. Ignorava-se seu pensamento filosófico, que aliás estava todo por publicar (também na Europa). Para os chineses de hoje, Teilhard é o novo Mateo Ricci dos tempos modernos.

Teilhard não era paleontólogo de gabinete: era pesquisador de trabalho de campo, promovendo contínuas escavações com seus discípulos chineses. As descobertas lhe impunham uma constatação inelutável: A biosfera se organiza em uma complexidade crescente. E constata três evidências fundamentais a propósito dessa complexidade: “1) Um maior número de elementos diferentes; 2) uma organização mais complexa desses elementos 3) e uma unidade fundamental mais estreita que é a marca de um progresso mais avançado”.

Mas enquanto prossegue seus trabalhos de cientista, Teilhard aprofunda o sentido do mundo e o de sua vida. Escreve em uma carta: “Quanto mais os anos passam, mais começo a crer que minha função terá sido simplesmente, a de uma imagem reduzida de João Batista, aquele que anunciava e chamava o que devia vir. Ou ainda; suspeito que pedem de mim simplesmente para ajudar uma alma nova a nascer no que já existe. Se me volto para o exame objetivo dos fatos e de minha capacidade, termino sempre por concluir que o me pedem é que, seguindo minha linha individual, seja “companheiro de Jesus” mais a fundo. Se o grande Cristo é bem o que nós cremos, e se ele deseja verdadeiramente servir-se de mim para pregá-lo, é nessa fidelidade que virá buscar-me.”

O “sistema” de Teilhard

O grande espírito de Teilhard nunca se contentou com o estudo de detalhes e minúcias, de particularidades e singularidades, que é a obsessão dos “pós-modernos”. Era um verdadeiro filósofo, e portanto, como queria Platão, era sinóptico: tinha seu olhar fixo no todo, e qualquer elemento particular era visto na perspectiva da totalidade. Como verdadeiro filósofo, era desafiado pelo problema “do uno e do múltiplo”. E sua concepção era aí original: o “nada” de que tudo foi tirado, significava a “multiplicidade pura”, a indiferenciação absoluta. Deus tirou o mundo do nada dando unidade a seres particulares, na sua multiforme diferença. Sendo Deus a unidade pura, deu aos seres participar de sua unidade, em si mesmos, e tenderem sempre para unidades mais amplas, pois todo o movimento de subida, que Deus imprimiu nos seres desde o começo, é um movimento de “convergência”, como declara no seu aforismo que tudo sintetiza: **“Tudo o que sobe, converge”**.

Os **átomos**, que já são unidades de uma energia complexa, unem-se, permanecendo eles mesmos, na unidade de **moléculas** cada vez maiores. As moléculas subsistem permanecendo elas mesmas, mas de alguma sorte transfiguradas na **célula viva**. As células vivas se unem, de novo, e se especializam – permanecendo elas mesmas - em **organismos** cada vez mais diversificados. Processo de complexificação em que a união diferencia! Mas o fenômeno não estaciona com a aparição das **pessoas livres**, no limiar da reflexão. A curva prossegue: As mônadas conscientes, as pessoas livres, se unem em um super-organismo, em um “ultra-humano”¹, mas permanecendo elas mesmas de modo que a união deve fazer-se no nível da nova dimensão aparecida com o limiar da reflexão. Então a unidade que se procura e já começa a criar-se em torno de nós, não é um arranjo casual, e sim, feita “em uma escala nova e com novos recursos”. Trata-se mesmo de um super-organismo. É preciso que as pessoas encontrem sua unidade sendo elas mesmas ainda mais pessoas, isso é, acentuando sua autonomia e transfigurando de maneira insuspeitada, sua personalidade, em uma “super-pessoa”, à escala planetária.

Cada um desses níveis de organização (átomo, molécula, ser vivo, homem) existe em dependência estreita com os precedentes, porém traz uma novidade radical: são graus crescentes de complexidade, mas ao mesmo tempo um “centrar-se” do ser em si mesmo – graus de unificação e por isso, de autonomia relativa. Essa série orientada não é uma construção de nossa imaginação, porque suas etapas aparecem no tempo seguinte dessa mesma ordem de complexidade e de centramento, e essas duas características se traduzem em disposições materiais muitas vezes mensuráveis, em todo caso, identificáveis.

Essa progressão não termina no homem, mas prossegue além dele nos modos de conhecimento e ação próprios do homem. É o movimento que Teilhard chama **socialização**. Socialização é um “retorno da humanidade refletida sobre si mesma” é um fato positivo que se situa no eixo evolutivo, pois o homem individual só é perfeitamente homem, só chega aos limites de si mesmo em uma solidariedade e pela solidariedade a todo humano, passado, presente e futuro. Deve-se ir conscientemente em direção de uma socialização que nos torna mais humanos, e é precisamente nessa socialização que a humanidade reencontrará sua alegria de viver. A curva da “complexidade-consciência” manifesta a vinda de uma nova fase evolutiva: a socialização se define como “a forma última da evolução biológica em meio refletido”.

¹ Teilhard explica o termo: “ultra-humano” exprime simplesmente a idéia de um humano prolongando-se além de si mesmo, sob uma forma melhor organizada, mais “adulta” que aquela que conhecemos” (Grupo zoológico humano, p. 147)

Sinais dessa socialização estão em toda a parte: no trabalho humano em que Marx em seu tempo detectou uma socialização crescente, e hoje tende a tornar-se um mundo unificado, uma rede de relações e de responsabilidades. O mundo do trabalho tende a ser um mundo de comunicações, onde se criam condições para maior acesso à liberdade, a uma vida mais pessoal, e ao progresso material e cultural.

As comunicações eletrônicas – telégrafo, telefone, rádio, televisão, e agora a Internet que Teilhard não conheceu, mas em que viria uma plena confirmação de seus sonhos – une os cérebros de todos os homens fazendo-os pensar e atuar em conjunto, como se fosse um super-cérebro. As informações em tempo real, - como vimos há pouco na morte do papa – fazem que milhões e milhões de pessoas participem das mesmas emoções, e interajam através dos continentes formando um só público, um enorme ser coletivo que tendencialmente abarca a humanidade inteira. Claro que o mal não está excluído nem exorcizado desse processo. Mas para Teilhard o mal não tem futuro, a vitória será do bem, e a humanidade socializada descobrirá, cada vez mais, que seu destino é a “**amorização**”, isso é uma expansão de amor que una definitivamente nossa espécie humana, formando uma unidade de ordem superior de espírito e de liberdade.

Assim aquele impulso “para o alto e para o uno” que fez surgir em patamares sucessivos, os átomos e as moléculas, que confluíram nas células do ser vivo criando a incrível diversidade e união da **biosfera** em nosso planeta; e depois, a vida que como suprema realização viu surgir no homem a consciência e a liberdade, formando a **noosfera**, está agora dando um último e decisivo passo unindo esses seres todos em uma unidade que tudo recapitula e sintetiza, pois isso é a reflexão, o Espírito, a comunhão de consciências.

O “meta-sistema” de Teilhard

Se Teilhard tivesse parado aqui, já teria avançado muito, e visto que a evolução é um fenômeno total, em que a **biogênese** se continua na **noogênese**, e a diversidade cada vez maior converge em uma unidade de ordem superior, agora no nível da “socialização”, ou “amorização”.

Porém para Teilhard tudo isso está imerso em uma transcendência e dela recebe seu sentido. No começo de tudo, está Deus como o ponto **Alfa**, Deus origem de todo ser, que fez nosso planeta literalmente explodir em formas cada vez mais perfeitas de vida. E no termo de tudo, no ápice de seu movimento e de seu sentido, está Deus como o ponto **Ômega**; ou Deus para o qual tudo tende e que, repetindo Aristóteles, “move como objeto de amor”, ou

citando Dante, “O Amor que move o sol e as estrelas”. Na linguagem de S. João, Jesus “sabendo que vinha de Deus e voltava para Deus”, está descrevendo o itinerário de tudo o que é criado: a origem e o destino de tudo.

Então, para além dos patamares da biogênese e da noogênese, deve-se acrescentar a instância definitiva, a crístogênese. Aqui Teilhard foi buscar em São Paulo sua idéia do Cristo cósmico, Cristo sentido da criação, seu ponto de convergência e de união, que a tudo vivifica, que está trabalhando no íntimo de todo ser e de toda a evolução, orientando-a para o Pai: o qual é justamente o ponto Ômega, ao qual vai submeter-se e entregar o seu Reino. A crístogênese é também um movimento de subida e de convergência, renunciado pelas fases anteriores, mas que representa sua realidade definitiva: para Ele existe o cosmo, e só “**por Cristo, com Cristo e em Cristo**” alcança sua plena verdade e seu destino.

Não vamos desenvolver mais este ponto, pois estamos em uma semana de teologia, e certamente os teólogos de profissão já discorreram sobre a teologia de Teilhard.

Teilhard de Chardin, o místico

Teilhard de Chardin não era só um homem de fé, que acreditava em coisas que estão além de sua experiência humana, confiado na palavra de Deus. A mística é uma experiência de Deus; diferente da oração em que a alma se eleva a Deus, objeto da fé; é uma experiência de Deus, outorgada pelo próprio Deus: Deus invadindo a consciência humana, absorvendo a alma em seu amor, - por isso a experiência mística está geralmente associada ao êxtase. Nessa contemplação infundida do alto, Deus se comunica, e essa experiência é indizível: não tem tradução em linguagem humana. Uma analogia seria a contemplação ou intuição estética: uma obra prima, uma música, por exemplo, não se traduz em palavras: invade nossa alma e a eleva a um estado de deslumbramento que não cabe em nenhum discurso.

Por exemplo, S. João da Cruz, que era bom poeta além de místico, fez poemas sobre sua experiência contemplativa: mas suas poesias não transmitiam o segredo da comunicação de Deus à sua consciência; eram, por assim dizer, um “efeito colateral”, sua alma que estivera imersa em contemplação, vibrava em acordes de poesia como um reflexo ou um eco de sua experiência mística; mas qualitativamente diversa, pois uma vinha do alto, do Espírito de Deus, e a outra da consciência (e do inconsciente) do homem.

Tem existido místicos em outras religiões e culturas: sempre se soube que os neo-platônicos, Proclo e Plotino foram místicos, que tinham êxtases divinos

(patiens divina) e agora se fala de que Sócrates e Platão também o eram. Sobre Sócrates nesse ponto, há o belo livro de Jean-Joël Duhot, que traduzi para a Loyola: “Sócrates ou o Despertar da Consciência” Sabe-se que o filósofo ficava durante horas em êxtases, que lhe vinham quando menos esperava. Sobre Platão, temos o testemunho de uma grande mística e filósofa, Simone Weil, que via nele não só um místico, mas uma das fontes da mística cristã (ver Síntese, nº 101, p. 357). Isso era uma das causas do ódio que lhe movia Heidegger, na esteira de Nietzsche: esse lançava em Platão o supremo insulto de ser um “semita” isso é um “judeu”, um horror para esse precursor do nazismo. Quanto a Heidegger, que era nazista mesmo, e mudou toda a sua interpretação de Platão quando descobriu nele laivos de cristianismo, que a partir dos anos 30 passou a odiar (ibidem). Houve também grandes místicos entre os muçulmanos, pois a religião de Maomé nada tem a ver com Al Qaeda e terrorismo chiíta ou sunita, como espalharam os americanos depois da catástrofe das Torres gêmeas. Como ignorar a imensa contribuição que os árabes deram à cultura européia?

Mas segundo Bérghson, em um dos mais extraordinários livros do século 20, “Les Deux Sources de la Morale et de la Religion”(minha edição é a 33ª, de 1941) diz que “O misticismo completo é o dos grandes místicos cristãos. (...) Uma imensa corrente de vida se apoderou deles; e dessa vitalidade acrescida desprende-se uma energia, uma audácia, um poder de concepção e de realização extraordinárias. Que se pense no que realizaram no domínio da ação, S. Paulo, S. Teresa, S. Francisco, S. Joana d’Arc” (p. 240).

Bérghson conheceu Teilhard, com quem muitas vezes dialogou. Essa descrição do místico cristão coincide tão bem com Teilhard, que se pode pensar se não era nele que Bérghson se inspirava.

O texto místico mais importante de Teilhard é “**A Missa sobre o mundo**” que Teilhard fez quando estava no deserto de Ordos, (China) numa expedição científica e não tinha condições de celebrar a missa na festa da Transfiguração que ele particularmente amava. Para ele, a presença de Cristo na Eucaristia transbordava da hóstia sobre o mundo. “*Para além da hóstia transubstanciada, a operação sacerdotal se estende ao cosmo inteiro*”. “*A transubstanciação se expande em uma divinização real, embora atenuada, de todo o universo. Do elemento cósmico onde está inserido, o Verbo age para subjugar e assimilar a si todo o universo*”. “*A Eucaristia opera, além da transubstanciação do pão, o crescimento do Corpo místico, e a Consagração de todo o cosmo*”.

O texto é de grande vibração mística e de muita beleza literária. Vejamos seu começo:

“Senhor, já que uma vez ainda, não mais nas florestas da França, mas nas estepes da Ásia, não tenho pão, nem vinho, nem altar, eu me elevarei acima dos símbolos até à pura majestade do Real, e vos oferecerei, eu, vosso sacerdote, sobre o altar da terra inteira, o trabalho e o sofrimento do mundo”.

“O sol acaba de iluminar, ao longe, a franja extrema do primeiro oriente. Mais uma vez, sob a toalha móvel de seus fogos, a superfície viva da Terra desperta, freme, e recomeça seu espantoso trabalho. Colocarei sobre minha patena, meu Deus, a messe esperada desse novo esforço. Derramarei no meu cálice a seiva de todos os frutos que hoje serão esmagados.

“Meu cálice e minha patena, são as profundezas de uma alma largamente aberta a todas as forças que, em um instante, vão elevar-se de todos os pontos do Globo e convergir para o Espírito”.

“Outrora, carregava-se para vosso Templo as primícias das colheitas e a flor dos rebanhos. A oferenda que esperais agora, aquela de que tendes misteriosamente necessidade cada dia, para aplacar vossa fome, para acalmar vossa sede, não é nada menos do que o crescimento do mundo impelido pelo devir universal”.

“Recebei. Senhor, essa hóstia total que a criação, movida por vossa atração, vos apresenta na nova aurora”.

[O texto continua, sempre comovente, mas é muito longo para ser lido na totalidade.]

Vem em seguida a passagem do **fogo**, certamente uma “visão” de Teilhard, seja como for entendida. Entendo-a como aquelas visões de Ezequiel, ou como as epifanias do Apocalipse. Sua visão era a do fogo que descia sobre a terra e a penetrava toda, fazendo-a capaz de produzir a vida por todos os seus poros. O livro do Gênesis descreve que o Espírito (o vento de Javé) pairava sobre as águas para que delas brotasse a vida. Aqui, no registro dos dois outros elementos, (fogo e Terra) é a mesma visão: o fogo de Deus penetra na Terra para que ele se torne a Mãe de todos os viventes. “Irmão Sol, Irmã Lua”, dizia Francisco. Teilhard diz a “Mãe Terra” que ama como se fosse seu filho.

Para ele, estava esse mundo material totalmente impregnado de Deus, e na verdade, trabalhado em todos seus elementos pela presença de Cristo, como se fosse um prolongamento de seu próprio corpo, ou como se tendo assumido um corpo humano, por irradiação tivesse atingido todo o mundo material, que se tornou seu grande corpo cósmico. Pois Cristo tinha a missão de fazer convergir tudo para o Pai, e para isso se inseria em tudo, dando-lhe esse impulso a Deus a quem iria tudo entregar como também a si mesmo, no final dos tempos. A mística de Teilhard era, como toda a autêntica mística cristã, cristocêntrica. Só que, à diferença dos outros místicos, sentia a Cristo no palpitar da vida, na deriva e borbulhar da evolução. “Calai-vos florinhas, pois já si que é de Deus que me falais” dizia S. Inácio. Teilhard teria uma linguagem diferente: “crescei e subi criaturas todas, abri-vos em diversidade e convergi para a unidade, pois em Cristo que está no mais íntimo de tudo, e em que tudo encontra sua consistência, sinto que confluis para Deus”.

Para terminar vejamos mais alguns textos da “Missa sobre o mundo” (p. 53ss).

“Cristo glorioso, influência secretamente difusa no seio da Matéria e Centro deslumbrante em que se ligam todas as fibras inúmeras do Múltiplo; Potência implacável como o Mundo e quente como a Vida; Vós que tendes a fronte de neve, os olhos de fogo, os pés mais irradiantes que o ouro em fusão; Vos cujas mãos aprisionam as estrelas, Vós que sois o primeiro e o último, o vivo, o morto e o ressuscitado: Vós que reunis em vossa unidade todos os encantos, todos os gostos, todas as forças, todos os estados: é por Vós que meu ser chamava com um desejo mais vasto do que o universo: Vós sois verdadeiramente meu Senhor e meu Deus!”

“Encerrai-me em Vós, Senhor!”

“Toda minha alegria e meu êxito, toda a minha razão de ser e meu gosto de viver, meu Deus, estão suspensos a essa visão fundamental de vossa conjunção com o Universo. Que outros anunciem os esplendores de vosso puro Espírito! Para mim, dominado por uma vocação que penetra até às últimas fibras de minha natureza, eu não quero, eu não posso dizer outra coisa que os inúmeros prolongamentos de vosso Ser encarnado através da matéria: jamais poderia pregar senão o

mistério de vossa Carne, ó Alma que transpareceis em tudo o que nos rodeia!”

“Ao vosso Corpo em toda sua extensão, isto é, ao Mundo tornado por vosso poder e por minha fê o crisol magnífico e vivo em que tudo aparece para renascer, eu me entrego para dele viver e dele morrer, ó Jesus”.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE TEILHARD (Edições du Seuil, Paris)

- Le Phénomène Humain
- Le Milieu Divin
- Hymne de l'Univers
- Le Christ Évoluteur (Socialisation et Religion)

LIVROS SOBRE TEILHARD

Émile RIDEAU – O Pensamento de Teilhard de Chardin (tradução portuguesa, Duas Cidades, 1965).

Cardeal Henri de LUBAC – La pensée religieuse du père Teilhard de Chardin, Cerf, Paris, 2002.

Jacques ARNOULD (O.P.) Pierre Teilhard de Chardin (biografia) Perrin (Paris), 2005.

OUTRAS REFERÊNCIAS

Jean-Joël DUHOT – Sócrates e o despertar da consciência Trad. Paulo Meneses, Ed. Loyola, 2004.

Édouard BONÉ - Deus, hipótese inútil? Posfácio sobre Teilhard, “Filho da terra, Filho do céu” Trad. Paulo Meneses – Ed. Loyola, 2003.

ARTIGOS de REVISTAS

SÍNTESE

Nº 74, p. 345 : P. H.Lima Vaz: Teilhard de Chardin e a Questão de Deus

Nº 101, p. 333: Maria da Penha Vilela: Duas leituras de Platão, Simone Weil e Heidegger

ÉTUDES Mai de 2004, p. 665: Henri Madelin, Sur les pas de Teilhard